

EMÍLIA FREITAS E A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NO SÉCULO XIX*



Ms. Régia Agostinho da Silva. (UFMA)
ruaformosa@hotmail.com

Resumo: Este artigo visa compreender a atuação de Emília Freitas, (1855-1908), no século XIX, como escritora abolicionista e espírita. Nesse intuito tomamos o livro “A Rainha do Ignoto” publicado pela autora em 1899 para compreendermos a partir dessa narrativa singular a atuação de Emília Freitas no mundo das Letras oitocentista, período em que sabemos eram raros os escritos e livros feitos por mulheres, na medida em que a escrita de autoria feminina, embora escassa pode também nos ajudar a entender o mundo feminino do século XIX e a sociedade que o cercava.

Palavras-chave: História, Literatura, Escrita, Mulheres

Abstract: This paper focuses on the role of Emilia Freitas, (1855-1908), in the nineteenth century as a writer and abolitionist spirit. To that end we take the book "The Queen of Ignoto" published by the author in 1899 to understand the narrative from that singular action of Emilia Freitas lyrics in the world of nineteenth-century, a period when we were rare and books written by women, as in which writing authored by women, although little can also help us understand the female world of the nineteenth century and the society around him.

Keywords: History, Literature, Writing, Women

Artigo recebido em 28/3/2010 e aprovado em 2/6/2010.

* Este artigo é uma versão um pouco modificada do terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada “Entre mulheres, História e Literatura: um estudo do imaginário em Emília Freitas e Francisca Clotilde” Apresentada no departamento de História da Universidade Federal do Ceará em novembro de 2002.

Introdução

Criadoras elas escapam ao controle, se transformam em ameaça. Faz-se preciso retirar a força antes permitida. E qual melhor maneira de fazê-lo senão duvidando da autenticidade de sua criação? A mulher narradora, antes aceita sem reservas, é posta em questão. Turva-se a limpidez da sua voz com acusações de falsidade, aquela mesma falsidade que já se havia atribuído com sucesso à voz das sereias, à das feiticeiras, e à de tantas mulheres tentadoras que ao longo da história levaram os homens a perdição.

(Marina Colasanti)

Pensar o romance brasileiro no século XIX significa antes de tudo pensar na sociedade na qual ele foi produzido, as suas formas de circulação e sua leitura. Significa, portanto pensar as relações entre a confecção de um romance e suas íntimas conexões com a sociedade.

Pensar o romance como uma possibilidade de se chegar a uma determinada realidade social consiste numa leitura que estabeleça uma relação visceral entre História e Literatura. (SEVCENKO, 2000)

Sendo assim, ao tomarmos o romance da cearense Emília Freitas “A Rainha do Ignoto” de 1899, como fonte de estudo, pensamos imediatamente na possibilidade de ler e saber um pouco sobre a vida, relações sociais e comportamentos femininos no final do século XIX e início do XX.

Já que a comunicação é um desejo latente em qualquer romance, pois quem escreve, escreve para alguém e escreve para ser lido, como afirma uma personagem do escritor infanto-juvenil Pedro Bandeira: “Quem escreve quer conquistar o coração de quem vai ler (BANDEIRA, 1983)

Na certeza de que através da literatura é possível ocupar espaços é que compreendemos Emília Freitas. Não apenas no sentido de sua atuação enquanto escritora como também na própria dimensão de sua obra “A Rainha do Ignoto” a necessidade constante de falar da situação das mulheres no período, que pouco a pouco galgavam espaços, falando delas e para elas, inserindo assuntos e olhares femininos na literatura.

A certeza mesmo de que eram poucas mulheres que entravam no âmbito seletivo da literatura e tomadas apenas como exceções, convergia para a idéia de não poderem constar entre os grandes nomes da literatura cearense do período. Segundo Antônio Sales:

Não tem sido grande-felizmente diria um antifeminista contumaz- o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente. A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família

que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção da casa. Não que lhes falte inteligência. Ao contrário; sempre que é posta à prova a mentalidade feminina em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes. Mas em nosso meio e em nosso clima, a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense (...) E há ainda algumas inteligências femininas brilhantes, mas tão ocultas sobre o véu da modéstia, que seria indiscrição arrancá-las ao segredo e à sombra em se comprazem viver(SALES, 1945, p.185)

Acreditamos que diferentemente do que pensa Antônio Sales, “viver nas sombras” não é mesmo o objetivo de algumas dessas mulheres, tendo talvez sido alijadas nas sombras e não escolhido este lugar para viver.

Não por acaso a formação secundária, não religiosa para mulheres no Ceará só ocorrerá a partir da criação da Escola Normal em 1884. É nesse espaço que se formam as primeiras mulheres de Letras do Ceará: Emília Freitas, Francisca Clotilde¹, Alba Valdez² e Ana Facó³.

Nesse estabelecimento de ensino são ministradas às meninas aulas de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemática Elementar, Geografia, História, noções elementares de ciências naturais, pedagogia e metodologia. Disciplinas voltadas, como notamos, para a formação de professoras do ensino primário, visto a carência que o setor sofria.(MENEZES, Djacir,1945)

A maioria das mulheres formadas na Escola Normal atuava na cidade como professoras primárias, profissão então considerada mais adequada às mulheres, naturalizando-se a “aptidão feminina” para educar crianças em escolas primárias como extensão possível das suas atividades domésticas. A profissão do magistério primário constituiu-se assim em uma das primeiras atividades fora do lar para as mulheres de classe média (SAFFIOTI, 1969).

Isso não quer dizer, como nos aponta Zilda Maria Menezes Lima, que a Escola Normal e as normalistas não sofressem preconceitos:

Não é muito difícil compreender as resistências a uma escola que visava formar mão de obra feminina para o mundo do trabalho em educação. Numa época em que as mulheres deveriam pensar em casamentos e filhos, não era interessante estimular espaços para as mulheres no mercado de trabalho, onde teriam que fatalmente abandonar o lar para dedicar-se a profissão. Daí a ambigüidade do papel da Escola

¹ Francisca Clotilde nasce em 1862 na cidade de São João dos Inhamus, hoje Tauá. Foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal de Fortaleza e publicou em 1903 o romance “A Divorciada”.

² Alba Valdez nasceu em 1874 em Uruburetama, participa de diversas agremiações literárias cearenses como “Centro Literário”, “Boêmia Literária” e “Iracema Literária”. Forma a primeira agremiação literária feminina do país, a Liga Feminista Cearense em 1904.

³ Ana Facó nasceu em 1855, em Beberibe. Atuou como educadora, romancista, poetisa e contista. Em 1907 publicou “Rapto Jocos”, seu principal romance.

Normal numa sociedade que rogava a chegada do progresso e da civilidade, mas não admitia mudanças comportamentais, principalmente se as mudanças se originassem dos segmentos femininos. (LIMA, 1999, p.37)

A mentalidade da época apontava a mulher como suscetível a muitas influências externas consideradas perniciosas. Era ela que se encantava com “os brilhos e transparências exagerados” da moda; deixava-se levar por uma degradação moral que a modernidade trazia, diziam outros. Também a mulher “ingênua”, diziam alguns, deixava-se “amassar” pelos bilontras nos bailes modernos; e o pior de tudo, era ela que se deixava envolver pelas “falsas doutrinas”, pelo “feminismo doentio”. Era preciso vigiá-la e protegê-la. Retirar de seu alcance essas influências pecaminosas, que só serviriam para “transtornar o espírito das incautas”. (CAMINHA, 1997)

É enfrentando todos esses obstáculos à leitura e à escrita feminina que as primeiras mulheres aventuraram-se no mundo das letras no Ceará, a partir da década de 1880.

Se as elites intelectuais interessavam imprimir na cidade uma marca civilizatória a partir de pressupostos evolucionistas e progressistas tencionando dessa maneira levar Fortaleza e o Ceará aos caminhos das nações civilizadas, norteado pelo modelo das nações européias- em particular a França- às mulheres que adentraram no mundo das Letras importava demarcar territórios femininos através da imprensa, dos versos, e das crônicas.

Emília Freitas

Emília Freitas era uma senhora de quarenta e quatro anos quando seu livro “A Rainha do Ignoto: romance psicológico” foi publicado em Fortaleza em 1899.

“A Rainha do Ignoto” é aparentemente uma história simples, parecida com “causos” e “lendas” do interior cearense, pertencentes a um imaginário coletivo medieval importado da Europa.⁴ A história de uma moça encantada que seduz com sua beleza e mistério o jovem bacharel em Direito Dr. Edmundo. Este levado por intensa curiosidade procura por todos os meios se aproximar e desvendar os segredos dessa “mulher aparição” que navega pelo Rio Jaguaribe, vestida de branco, cantando e tocando harpa, acompanhada de um oragotango chamado King e de um cão chamado Fiel.

A moça que vive na gruta do Areré, próxima ao pequeno povoado “Passagem das

⁴ Esta idéia de que existe uma relação entre a obra “A Rainha do Ignoto” e um imaginário medieval nos é apontada por: COLARES, Otacílio. “Do Romântico Regional ao Fantástico” Apresentação In: FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto: romance psicológico**. 2ª Ed. Fortaleza: Imprensa oficial do Ceará, 1980. p.07-17.

Pedras”, na cidade de Aracati, Ceará, é chamada de “A Funesta”, pois por onde passa leva o mal e a destruição, segundo a população do povoado, tornando-se uma verdadeira esfinge para o doutor Edmundo e para os leitores: “decifra-me ou te devoro”.

De crucial importância no romance também é a “maçonaria de mulheres” que a Rainha do Ignoto governa. “As paladinas do Nevoeiro” como são chamadas suas seguidoras, navegam em três navios-fantasmas: Tufão, Neblina e Grandolim aportam nas cidades de Belém, Manaus, Recife, Rio de Janeiro e Fortaleza, fazendo caridades e lutando contra as injustiças sociais. Dentro desse emaranhado de acontecimentos percebemos pouco a pouco a construção de uma mulher republicana, espírita e abolicionista, denominada por três nomes: “A Rainha do Ignoto”, “A Funesta” ou “Diana”.

A construção da Rainha e da maçonaria de mulheres nos leva a pensar que mulher extraordinária foi Emília Freitas. Numa época na qual o acesso à leitura, educação e andar livremente pelas ruas era negado às mulheres, Emília Freitas constrói um romance em que algumas mulheres estudam, viajam pelo país praticando caridades e tecendo comentários sobre os comportamentos que elas consideravam reprováveis nos homens, usando as mais diversas artimanhas para sobreviver numa sociedade marcada pela misoginia que era aquela do século XIX.⁵

Emília Freitas, nascida em Aracati no Ceará, em 11 de janeiro de 1855, filha do Tenente Coronel Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas, foi morar em Fortaleza depois da morte de seu pai em 1869. Então com quatorze anos pôde estudar francês, inglês, geografia e aritmética numa escola particular, passando depois a freqüentar a Escola Normal daquela cidade. Formando-se no magistério, tornou-se professora no Instituto Benjamin Constant em Manaus, em uma escola secundária para meninos em 1892, já com trinta e sete anos. Em Manaus, “as margens do Rio Negro”, como a autora mesmo aponta, escreve “A Rainha do Ignoto”. Casa-se em 1900, com Artúrio Vieira, redator do “Jornal de Fortaleza”. (CAVALCANTE, 2008)

Antes de partir para Manaus com um dos irmãos, Emília Freitas participou ativamente da Sociedade, abolicionista, das Cearenses Libertadoras. No dia 06 de janeiro de 1883, aos vinte e oito anos, profere discurso de instalação solene da sociedade nos salões do Clube

⁵ A discussão sobre a misoginia ao longo do século XIX e início do XX pode ser estudada em diversos autores, a título de exemplo citamos CAVALCANTE, Alcilene. Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas. (1855-1908). Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

Cearense. O discurso é transcrito no jornal “O Libertador” de 10 de janeiro de 1883:

Antes de manifestar as minhas idéias, peço desculpas à ilustre SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA para aquela que sem títulos ou conhecimentos que a recomendem, vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila do Aracape. Depois imploro ainda permissão para à sombra de sua bandeira, aliar os meus esforços aos destas distintas e humanitárias senhoras, oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é em compensação guiada pelo poder da vontade. (...) Neste momento é com verdadeiro prazer que pronuncio o nome de Exma. Sra. Maria Tomásia Figueira Lima e de suas dignas consocias. Como na França a admirável Roland ia às grades d’um cárcere animar os desventurados republicanos, elas hoje nos animam a trabalhar na grande obra que edifica a humanidade. Com razão a ninguém mais que a mulher assiste o direito de enxugar lágrimas. Socorrer a miséria, mitigar dores é a sublime missão que nos contou a Providência (FREITAS, 1983, pp. 296-297.)

Emília Freitas acredita que as mulheres têm o dever de cuidar das dores alheias, numa visão obviamente sacralizada sobre a mulher. A percepção da mulher como mártir, capaz de todos os sacrifícios pelo bem da humanidade também é muito presente em seu romance “A Rainha do Ignoto”. Afinal a missão da Rainha e de suas paladinas é praticar a caridade pelo país, libertando inclusive os escravos que viviam sob o controle de um senhor verdugo.

Essa visão da mulher redentora é compartilhada por quase toda a sociedade do oitocentos, por um lado imobilizando as mulheres, pois as colocavam em uma espécie de redoma em que poderiam e deveriam sofrer tudo resignadamente, por outro, através da mesma visão, a mulher poderia se defender quando agredida, exercer a atividade da caridade e participar mais ativamente na sociedade.

Mesmo que possamos fazer ressalvas do que se constituía e como era feita esta caridade, é inegável que o espaço para esse exercício foi árduo e duramente conquistado. Professoras, intelectuais, escritoras e damas da sociedade se não enfrentaram os mesmos problemas que as mulheres das classes consideradas subalternas, defrontaram-se com angústias e dilemas singulares.

Por isso muitas vezes utilizavam os estigmas da mulher santa, da virgem e da redentora e sofredora para poderem exercer determinadas atividades como, por exemplo, proferir discurso em público. (SARLO, 1997)

A autora de “A Rainha do Ignoto” publicou também uma coletânea de poesias intitulada “Canções do Lar” em 1891, que trazia uma introdução dirigida “Aos Censores”. Há notícias no dicionário cearense bibliográfico de Guilherme Studart, da publicação do livro “O Renegado”, mas ainda não temos nenhuma referência de que algum exemplar deste livro tenha sido encontrado. Provavelmente repousa adormecido em alguma biblioteca particular

do país. Colabora ainda em vários jornais de Fortaleza como “O Libertador”, “Cearense”, “O Lyrio” e “A Brisa” escrevendo textos e poesias. Escritos estes que comunicavam suas idéias sobre abolição, progresso e educação.

Emília Freitas nos permite ler em seus textos que acreditava no poder revolucionário e iluminador da educação. Não por acaso lecionou numa escola em Fortaleza. Também como professora acreditava e combatia aquilo que ela e todos os intelectuais de sua geração consideravam “as trevas da ignorância”, como assinala nessa poesia publicada no jornal “Pedro II” em 1881:

É dever nesta hora excelsa
Mostrar um sincero pasmo
Saudar com entusiasmo
O sublime pavilhão
Onde trabalha ufanosa
Como esta cruzada
Que se arroja denodada
Em busca da perfeição!!!
(...)
Oh! Quando as priscas eras
Atuava a tirania
Todo o povo então jazia
Do saber inda na infância:
Hoje no século das luzes
Em toda parte se ensina
A rasgar negra cortina
Da noite da ignorância.
E a oferenda preciosa
Dessa seiva imorredoura
Que ora a nação entesoura
Nos crânios diletos seus:
Com justiça, por direito
Igual ao filho do nobre
Recebe o aluno pobre
Francamente nos liceus
Educar na mocidade
A esperança coorte
É assegurar a sorte
Da futura geração!
É acender uma lâmpada
Nas trevas que envolvem a lama!
É tecer vívidas palmas
Com as flores da instrução... (FREITAS, 1881, pp. 293-294.)

Acreditando no poder iluminador da educação através das palavras é que Emília Freitas apresenta o seu livro, segundo ela, procurando “estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa”.

A Rainha do Ignoto

O romance “A Rainha do Ignoto” funciona como uma verdadeira esfinge: “Decifra-me ou te devoro”. Esta imagem da esfinge charadista persegue-nos no decorrer do livro. Afinal o que quer Emília Freitas ao escrever essa narrativa tão singular, apontada por alguns críticos, como completamente fora de sua temporalidade literária, pois em 1899, a literatura brasileira era dominada pelo realismo-naturalismo. É justamente nesse fim de século, por exemplo, que surge “O mulato” de Aluísio Azevedo, em 1881, primeiro romance naturalista de nossa literatura e que constituiu até hoje uma das críticas mais mordazes à população brasileira, especificamente a de São Luís do Maranhão, no final do século XIX.

Definitivamente a narrativa de Emília não tem repercussão nem à época de sua publicação, nem depois na crítica literária cearense. A primeira análise crítica do romance é feita em 1953, ou seja, cinquenta e quatro anos após a sua publicação. Aberlardo Montenegro execra o romance:

A Rainha do Ignoto é um dramalhão que não convence. Falta-lhe, além da veracidade dos fatos, a naturalidade dos diálogos. O romantismo atinge as raízes do delirante. Emília tenta o romance psicológico, em que a análise não é deduzida da observação, nem do raciocínio; mas da intuição. Assemelha-se assim, mais a uma obra ditada do além, servindo a romancista de médium psicografa. A romancista procura, numa coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível e por vezes fantasiosa (MONTENEGRO, 1953, p.77)

O que nos chama a atenção é que ao ser considerada uma obra deslocada de seu tempo, pois retoma ao romantismo, este retorno romântico é caracterizado de maneira preconceituosa e quando nos deparamos com a narrativa de Emília Freitas percebemos que o que Aberlardo Montenegro não consegue entender em 1953 é justamente que Emília não pretendia contar uma história realista-naturalista, tão a voga no momento, mas inaugura outra forma de narrar, pois cria uma narrativa do maravilhoso-fantástico. (COLARES, 1980)

Ao mesmo tempo a incompreensão do romance também é perpassada por noções de gênero⁶. Pensando como a escrita feita por uma mulher, estava invariavelmente fadada a “natural sensibilidade feminina”. Até mesmo o crítico Otacílio Colares que é o primeiro a rever o romance de Emília Freitas, percebendo a sua narrativa como pioneira do realismo fantástico no Brasil, não foge dessa perspectiva:

⁶ A noção de gênero é aqui utilizada como pensa Joan Scott, como uma relação histórica e socialmente construída sobre o masculino e o feminino e não como uma relação biológica e naturalizada. SCOTT, Joan. “Gênero uma categoria útil para a análise histórica”, trad. Christine Rufino Dabat, Recife, 1997.

Não lhe cabia, por temperamento, mesmo por natural feminilidade, investir para os avanços da linha naturalista de contemporâneos seus da ficção cearense, como Pápi Júnior e Adolfo Caminha. Também não lhe achou conveniente à natural sensibilidade e escapelo de um Rodolfo Teófilo, mas digno de ser estudado como regionalista que como naturalista de grei literária, ou de Domingos Olímpio, devendo a sua maneira de ser, como a de Francisca Clotilde, comporta-se na preponderância costumista de Aves de Arribação, de Antônio Sales (COLARES, 1980, p.14)

Mais uma vez a leitura da escrita feminina assim como sua crítica é demarcada por um olhar perpassado por noções de gênero. Se Emília escreveu um romance deslocado de sua temporalidade, porque romântico e não naturalista, isso só poderia dever-se ao fato de sua “natural feminilidade”, pelo menos do ponto de vista de nossos críticos literários.

Essa “feminilidade” é justamente o que procuramos na leitura da “Rainha do Ignoto”, considerando que esta em nenhum momento é um dado natural e já estabelecido, e sim, construído cultural e historicamente. Nossa intenção ao ler e estudar a narrativa da Rainha é compreender como Emília Freitas, escritora, abolicionista e professora consegue trabalhar com os “jogos do feminino” e construir um estudo da “alma feminina” a partir de sua múltipla personagem “Rainha, Diana e Funesta”, como nos diz na apresentação de seu livro.

Por isso entendemos que não existe por parte de Emília Freitas um desconhecimento do que estava em voga no mundo literário de sua época, mas que, antes de tudo, a autora fez uma escolha, ou seja, ao invés de procurar “padrinhos”, “moldes” ou “pedantismos charlatões”, a autora preferiu, através da observação e da concentração (características ironicamente naturalistas!), estudar a alma feminina.

Acreditamos que essa opção não a afasta de uma visão crítica da sociedade. Emília foi uma mulher combativa e sua obra “A Rainha do Ignoto” é merecedora de uma leitura atenciosa e crítica por parte dos historiadores.

A voz que se cala em 18 de outubro de 1908 em Manaus, merece ser ouvida mais uma vez.

A Moça Encantada

Ela estava em pé sobre o monte, tinha um livro aberto na mão; mas não lia, olhava para o céu, como aquela Nossa Senhora da Penha, que está pintada num quadro da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim (FREITAS, 1980, p.20)

Esta é a primeira imagem descrita sobre a “Rainha do Ignoto”. A imagem de uma mulher que segura “um livro na mão, mas não lê” assemelha-se a Nossa Senhora da Penha,

pelo menos no olhar de Valentim, um rapazinho do pequeno povoado de Passagem das Pedras.

A relação entre a construção de uma mulher ideal e a imagem de Nossa Senhora não é estabelecida por Emília Freitas, mas já sedimentada no período por uma simbologia católica, em que a imagem da mulher abnegada, virtuosa, honesta e caridosa encontra sua expressão final na imagem de Nossa Senhora. Enfim, um ideal que todas as mulheres deveriam almejar, chegar o mais próximo possível, sabendo, contudo, que jamais se igualariam à mãe de Jesus, a virgem abençoada.

No entanto a imagem da Rainha não é a única que nos é apresentada, o que facilitaria nosso trabalho, porque a partir daí teríamos a construção fácil de uma heroína: abnegada, virtuosa e caridosa, assemelhada a Nossa Senhora. Mas Emília Freitas construiu uma personagem muito mais complexa que isso. É digno de nota que o capítulo em que a personagem é apresentada intitule-se “A Funesta”, no qual a mesma personagem Valentim insinua que a Rainha tenha estabelecido um pacto com Satanás.

Santa ou demônio? Estranha dualidade. O jogo de dualidades- Bem ou Mal, Anjo ou demônio- estava bastante presente na literatura do período, principalmente em relação às mulheres. Sempre passíveis de tornarem-se anjos decaídos, mulheres serpentes que “expulsaram mais de um milhão do paraíso”. As mulheres estavam divididas nessa dualidade intrincada, anjos rebeldes, passionais, passíveis de serem enfeitiçadas pelas serpentes demoníacas. As mulheres representavam um perigo imanente, era preciso contê-las, nem mesmo A Rainha do Ignoto escapou dessa dualidade.

Emília Freitas joga o tempo inteiro com imagens e símbolos. Por vezes nos deparamos com uma “Rainha” encantada, por outras estamos diante de uma espécie de mulher endemoniada e por fim para confundir mais ainda nossa visão, vemos aparecer uma sereia-fada, uma mulher encantada que atrai pelo canto, pela voz e aguça a curiosidade dos viajantes, convidando-os a decifrar seus mistérios, para verem-se por fim imersos nas águas turvas do mar-rio Jaguaribe.

Todos os biógrafos de Emília Freitas insistem na relação do romance, “A Rainha do Ignoto” e sua criação fantástica com a religião espírita adotada pela autora. Fato é que a obra passou a ser considerada um dos clássicos da literatura espírita no Brasil. Para nós essa discussão só interessa no que diz respeito de como, e quando, Emília utiliza alguns conceitos e temas espíritas para a composição das temáticas que nos propomos a estudar a partir do seu romance, qual seja a escrita de autoria feminina, a criação da personagem Rainha do Ignoto, e

a composição das demais personagens femininas nos romances.

Da relação com o espiritismo podemos perceber o caminho trilhado por Emília Freitas na construção de seu romance. Enquanto a época estava impregnada de discursos positivistas e evolucionistas, Emília procura outro caminho para seguir, o espiritismo, mas que evidentemente não negava o caráter transformador da ciência. Neste profundo diálogo entre o espiritismo e a ciência, Emília insere seu romance e sua heroína na perspectiva de dar-lhes credibilidade e tocar assuntos tão caros às mulheres de sua época, como a autonomia expressada pela Rainha. Segundo Robério Américo do Carmo Souza:

Em Fortaleza era comum a esse período encontrar-se nos principais jornais da cidade, artigos sobre os progressos da ciência na Europa e nos Estados Unidos, além de uma forte militância em defesa do positivismo (...). Nesse contexto, demonstrar conhecimento acadêmico, ainda que óbvio, era eficiente instrumento para obtenção de prestígio e respeito junto a sociedade, ou pelo menos junto de seus segmentos, uma vez que, para a velha aristocracia, a divulgação dessas novas idéias aparecia como uma ameaça à perpetuação de seu poder (SOUZA,2001, pp. 31-32.)

Emília ao fazer o caminho do espiritismo segue uma trilha que não foge à ciência, mas que coloca questões de cunho religioso que passam a ser vistas com um pouco de má vontade. Talvez também por isso seu romance não tenha conseguido uma acolhida satisfatória no período.

No entanto o caminho percorrido pela Rainha de Emília Freitas, e que lhe dar credibilidade, é a sua missão caridosa com as paladinas governadas pela Rainha na misteriosa Ilha do Nevoeiro que nenhum viajante conseguia enxergar.

Se o amor romântico não é a base de sustentação da heroína, a prática da caridade vem a sê-lo. Mais uma vez percebemos o retorno da imagem da santa, constituindo a imagem da Rainha. Ela não consegue amar ninguém, porque quer amar a todos, não se entrega as delícias do amor carnal, porque acredita que este é tirano e traiçoeiro, “uma mercadoria como outra qualquer”, não acredita nos homens, mas acredita na humanidade.

Porém insistimos que a Rainha é mais complexa do que esse ideal de perfeição: abolicionista, republicana, espírita e contrária a pena de morte (discussão adiantada para a época). Isso tudo nos leva a conjecturar quanto a personagem tem de Emilia Freitas, quanto fala por ela, estabelecendo uma inter-relação contextual entre autora e personagem, criadora e criatura.

Partindo dessa premissa podemos acreditar que as lutas republicanas, espíritas e abolicionistas foram tomadas por muitas mulheres da época, como uma forma de inserção social. Construir uma heroína articulada com essas discussões nos permite perceber como as

mulheres escritoras procuravam colocar suas questões e seus problemas, incluindo os assuntos femininos nas discussões civilizatórias, evolucionistas e emancipatórias.

A representação da mulher, como mãe, guardiã da pátria e educadora dos homens que administrariam a nação, emerge no final do século XIX como uma imagem fortíssima e fundamental. Não por acaso a imagem-símbolo da República é feminina.

Acreditamos que muitas mulheres foram buscar nesses discursos formas de inserção, respaldo e espaço através da luta por direitos públicos e civis. Se a mulher teria que educar os cidadãos, como poderia fazer isso se não fosse educada, se não tivesse acesso à leitura? Como ser boa mãe se não poderia ter uma preparação e educação dignas? Que imagens femininas republicanas representam se não possuem direitos mínimos? Colocar a mulher como elemento fundamental nas imagens republicanas é também abrir precedentes para a luta pela igualdade social. A exclusão das mulheres no espaço público não condiz com a luta pela liberdade e igualdade que estão também inseridos no ideário republicano, como nos aponta Michelle Perrot:

Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os ‘indivíduos’. As mulheres não seriam ‘indivíduos’? A questão é embaraçosa: muitos pensadores como Condorcet, por exemplo, pressentiram-na. Única justificativa: argumentar sobre a diferença dos sexos. É por isso que esse velho discurso retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista que insiste na existência de duas ‘espécies’ com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 1992, p. 177)

Mesmo partindo das noções de sensibilidade, coração e sentimentos, as mulheres buscaram através desses argumentos campos de inserção. Não é a toa que a prática da caridade e a execução da justiça façam parte da narrativa de Emília Freitas.

Abelardo Montenegro refere-se a essa característica como uma forma de Emília Freitas colocar-se de maneira sutil na sociedade de seu tempo: “enquanto mulher” teria que procurar formas mais “amenas” de expressão, através de uma personagem, por exemplo:

Vivendo numa sociedade em que a mulher se dedica aos afazeres domésticos, sendo-lhes vedada a ilustração ao espírito, Emília Freitas é uma pioneira, uma precursora do movimento cearense. As suas idéias, entretanto, são dissimuladas. Ela usa de símbolos e imagens para não escandalizar o meio (MONTENEGRO, 1953, p. 78)

O que Abelardo Montenegro chama de “dissimulação”, nós denominamos de tática⁷. Emília Freitas utilizou uma série de símbolos e imagens na construção de suas personagens femininas no romance, tentando com isso burlar a ordem estabelecida, qual seja aquela do século XIX, do sujeito universal masculino, católico.

Por fim a Rainha construída por Emília Freitas procurava uma explicação para sua vida, buscando a identidade para alguém que vive sozinha: “sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem esposo, sem filhos e até sem sobrinhos”. Essa busca da identidade é apontada como uma constante da escrita feminina do XIX, um falar de si mesma, um falar para si. Uma linguagem por vezes narcisista, mas necessária, para aquelas que passaram tanto tempo em silêncio, sendo lidas e escritas na pena do outro, o masculino.

Nesse sentido a moça encantada procura uma resposta para o vácuo e a angústia que a consumiam. Talvez a mesma angústia que consumia Emília Freitas em sua necessidade de falar sobre este “gênio impossibilitado”, “a alma feminina”.

A Rainha do Ignoto é antes de tudo uma mulher impossibilitada, por suas escolhas políticas, por sua maçonaria de mulheres, por sua Ilha do Nevoeiro, por sua voz altiva em uma época para a qual o silêncio era aconselhável às mulheres. (DUARTE, 2003)

A Rainha só poderia existir no campo do sonho e da ficção fantástica criada por Emília Freitas, podemos ousar dizer que a narrativa fantástica foi criada por Emília justamente porque só no campo do sonho e do fantasioso, a personagem da Rainha poderia surgir, na época na qual a autora publicou seu romance, em 1899.

⁷ Conceito pensado por Michel de Certeau em “A invenção do cotidiano”, onde o autor pensa a “tática” como arma dos seres “ordinários”, indivíduos comuns, ao lutarem contra “as estratégias” dos grandes grupos de poder. Em nosso estudo utilizamos o conceito para entender os porquês de Emília Freitas e de sua narrativa, eivadas de um caráter de luta contra aquilo que oprimia as mulheres escritoras do século XIX, ou seja, a pouca atenção dada aos seus textos, à crítica que emudecia aos escritos femininos, tomados com devaneio e por fim acreditamos que Freitas também se utiliza do romance para falar contra a sociedade que negava muitos direitos as mulheres, no período, o direito a escrita pública, seria um deles.

Referências:

BANDEIRA, Pedro. **A marca de uma lágrima**. São Paulo: Moderna, 1983.

BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará-IOCE, 1992,

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas**. (1855-1908). Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. São Paulo: Ática, 1997.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994

COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**, 6 volumes. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975,

FREITAS, Emilia. **Canções do lar**. Poesias. Fortaleza: Tipografia Rio Branco, 1891

_____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. Fortaleza: Tipografia Universal, 1899.

_____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. 2 ed. Pesquisa, organização, atualização ortográfica, apresentação crítica e notas por Otacílio Colares. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980

_____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. 3 ed. Atualização do texto, introdução e notas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003

_____. Discurso de instalação solene da Sociedade das Cearenses Libertadoras. In: CUNHA, Maryse Weyne. Emília Freitas. In: **Mulheres do Brasil: pensamento e ação**. 3º v. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1986, pp. 296-297

GALENO, Henriqueta (org.) **Mulheres do Brasil**. 5 volumes. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971

LIMA, Zilda Maria de Menezes. **Mulheres de romance: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)** Dissertação de mestrado: UFPE, 1999.

MENEZES, Djacir. “A educação no Ceará: repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930)” In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. (org.) **O Ceará**. 2ª Ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.

MONTENEGRO, Abelardo. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele (tip. Royal), 1953

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

RAGO Margareth “Epistemologia feminista, gênero e história” In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Mirian Pillar (org.) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**, Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.

SALES, Antônio. “História da Literatura Cearense”. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins (org.) **O Ceará**. 2ª Ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997,

SOUZA, Robério Américo de. **Fortaleza e a “nova fé”**: A inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915). São Paulo: Dissertação de mestrado, PUC, 2001.